

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 258 do 6.º Ano—N.º 8

Editor, Abel de Vasconcelos Cardoso

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 4 de Novembro de 1915

Comp. e impressão, Tip. Miguez Vimaranes

Uma visita à fábrica do Arquinho

Do tear manual ao tear mecânico. Recordações do passado postas por lição

—Se lhe é agradável, meu amigo, venha daí: vamos visitar uma fábrica de tecelagem...

—Mas qual, se elle há tantas na nossa terra?

—Uma nova fábrica, a do «Arquinho», lá em baixo, na Caldeira...

—Pois vamos lá.—E seguimos com o nosso amigo, professor da Escola Industrial, de visita à fábrica de António José Pereira de Lima.

... Visitar uma fábrica em plena laboração é receber uma sensação dominante do quanto pode e vale o progresso industrial. Noutros termos: é experimentar o largo fôlego das duas grandes forças combinadas—Sciência e trabalho.

Se essa fábrica, que se visita, é manufactureira de tecidos de linho e algodão, o efeito é maior ainda—porque nos faz pensar um momento na história e na tradição do nosso industrialismo local.

As voltas que o mundo dá!... Há 31 anos, não obstante ser a terra de Guimarães considerada já então «a mais activa colmeia industrial do Minho», e que por isso mesmo, talvez, a si se designava «a Manchester portuguesa»,—há 31 anos, diziamos, não havia entre nós uma única fábrica de tecelagem a vapor. A nossa indústria dos linhos, a maior de todas, que data dos primórdios da nacionalidade, era uma indústria caseira por excelência. Ela foi por assim dizer a célula-mater da nossa vida económica. Com o avançar inovador do tempo, tendo-se restringido a sua laboração apenas ao linho da terra e aos limites acanhados do tear primitivo, o progresso no seu resfolar incessante encarregou-se de dar à cultura do algodão e ao invento da mecânica a glória de suplantar essa velha indústria caseira.

Das nossas indústrias manufatureiras, só a de fiação e tecelagem toma incremento

Quando a poderosa e extreme vontade dum grupo de vimaranenses realizava a Exposição Industrial de 1884—esse notável e brilhantissimo certamen onde tanto se salientaram as qualidades excepcionais dos nossos artistas—ainda aí não se viu um único produto na indústria de tecelagem que não fôsse obra do trabalho manual. A partir, porém, dessa data, as coisas modificavam-se. O espirito de concorrência, animado por uma certa efervescência bairrista, criou estímulos novos aos nossos industriais tecelões. Nelles fizeram eco estas nobres palavras com que a alma patriótica e culta do dr. Alberto Sampaio precede o mui bem trabalhado relatório da citada exposição:

«Quando se observa a nossa população trabalhadora, amando vivamente cada um a sua profissão, inteligente e pertinaz em conservar esta riqueza que lhe foi legada pelos seus antepassados, mas desprotegida, quasi abandonada, com poucos recursos, sem escolas nem direcção, se o coração se nos enluta de tristeza pelo abandono do que devia merecer sobre tudo protecção e auxilio, resta-nos todavia a esperança que se um dia um raio de luz atravessar a obscuridade de agora, o trabalho fabril do concelho se manterá rapidamente em condições de afrontar com desafogo a concorrência dos outros centros produtores.»

Efectivamente assim succedeu—embora apenas quanto à industria de tecelagem. Quanto às demais indústrias...

Nesse mesmo ano de 1884, ou sejam 76 anos depois de Jacquard, o célebre filho dum tecelão francês haver aperfeiçoado o tear mecânico de origem inglesa, entravam em Guimarães os três primeiros teares mecânicos, cabendo essa glória de iniciativa à firma António da Costa Guimarães, F.º e C.ª, da fábrica do «Castanheiro». Com elles, conforme se observa do inquérito official de 1890, remodelou-se definitivamente e completamente a velha, tradicional e rica industria caseira dos linhos.

A este propósito escreve o nosso distinto colaborador dr. Eduardo d'Almeida, no seu erudito estudo sobre a arte textil: «A industria caseira de tecidos de algodão e linho e fiação de linho, em que se occupavam mais de 1700 mulheres e se produzia por ano cerca de 340 contos, foi destruída e incorporada às fábricas de fiação e tecelagem.»

Hoje, sem que propriamente nesta industria o pessoal fabril tivesse de aumentar, a produção todavia decuplicou.

É este o triunfo da mecânica!

Na fábrica do industrial António José Pereira de Lima—Em plena laboração

Recebidos amavelmente pelo director técnico, nosso dedicado correligionário sr. Ilídio Ribeiro Dias, principiou este por mostrar-nos a casa da máquina, a qual por homenagem costumam os industriais chamar—a sala de visitas da fábrica.

De facto, ali se patenteia um estado de asseio que não deixa ficar mal a imagem. Na sua amplitude de instalação, a máquina ganha impolgação, mostrando a sua grande roda volante estar ali à vontade, girando soberana sob correias vigorosas. Máquina fixa compound horisontal, a sua fór-

ça motriz é de 14 cavalos. Os seus fabricantes foram John Musgrave & Sons, de Bolton, Inglaterra. É modelo de 1913.

Na mesma dependência está instalado o dinamo gerador da luz eléctrica para a iluminação de toda a fábrica e o respectivo quadro central regulador da energia.

Seguidamente damos entrada na casa da caldeira, cuja fornalha é alimentada com carvão, e na conjuntura também com lenha, em consequência das dificuldades da hora presente. Foram seus fabricantes E.ª Heaton & Son, de Manchester.

Passamos depois a ver o salão de tecelagem com magníficos teares Jacquards, ouvindo do ilustre director técnico uma sucinta palestra sobre o modo de funcionamento e fabrico nas suas quatro operações essenciais do encarretado, urdidura, tecelagem e gomagem.

Por nossa vez, passamos a ver as secções de tinturaria e branqueação; secção de calandra e acabamentos; officina anexa de serralharia e carpintaria; armazem de matérias primas; depósito de fabrico e escritório, tendo-nos ficado de tudo uma impressão excelente, bem se vendo que é uma fábrica moderna, não só pelo edificio, que é sóbrio, desafogado, servido de boa luz, mas ainda porque o seu pessoal não tem nos seus directores presenças despóticas, odiantas.

Construída e posta em laboração, há menos de um ano, o seu pessoal fabril é aproximadamente de 100 operários, predominando, como é regra geral, a mulher.

Industriais por herança e industriais por vocação e estudo

O sr. António José Pereira de Lima, proprietário da Fábrica a Vapor de Tecidos do «Arquinho», teve nos seus progenitores honrados fabricantes de linhos—embora «a antiga casa dos srs. Limas, da Cruz da Pedra», como constou o ilustre relator da Exposição Industrial de 84, não houvesse concorrido a esse certamen. Filho de industriais, o sr. Pereira de Lima calhou naturalmente no mesmo ramo de actividade—e tam felizmente que todo o fabrico saído dos seus teares tem tido uma acolhida prometedora, bem à altura de poder ampliá-lo e desenvolvê-lo.

E para que assim succeda e se não quebre a linha de origem deste industrial, oriundo de industriais, bem andou este em dar ali lugar a seus filhos, onde, é evidente, a sua actividade moça, servida por tantas qualidades, pode e deve dar impulso e futuro ao bem lançado estabelecimento fabril.

De modo diverso se iniciou na industria de tecelagem o sr. Ilídio Ribeiro Dias, director técnico da fábrica de tecidos do «Arquinho». Conhecemo-lo rapazinho marçano, ali numa desaparecida loja que se chamava ao tempo, a «Guimar da Misericórdia». Depois, ainda rapaz, foi para a Fábrica da Avenida. Com o seu espirito de observação e de estudo, pouco e pouco foi assimilando e aprendendo. Trepado a auxiliar do técnico da fábrica, um inglês profis-

PELA RECEITA...

«A grande maioria humana tem sobre si a montanha enorme de todas as superstições hereditárias, acumuladas e enraizadas através de séculos e séculos de obscurantismo.»

Spencer.

Não temos—oh!, não—a velocidade de arrazar a montanha de que nos fala o notável educador francês. Apenas, como um animal religioso que somos, queremos pôr aqui por objecto de discussão uma noticia que o seráfico «Comércio de Guimarães» condimentou com este final:

«... Confessou-se e foi ungido, tendo antes abjurado alguns erros e queimado alguns diplomas que possuía duma associação que há no país, e que infelizmente conta adeptos. O... que era um belo carácter, morreu como um justo, tendo contribuído muito para isso o seu médico assistente sr. dr. ..., desta cidade, que, ao mesmo tempo que velava pela sua saúde, lhe não abandonou a alma.»

A nós, animal religioso, queria-nos parecer que assunto de contextura tam delicada não devia ser assalhado tam idiotamente num jornal. Mas foi-o, e resta-nos só agora perguntar:

¿Seria para reclamar o médico, impondo o a consideração dos seus colegas e mais da sua clinica?

sional com uma esterlina por dia, o marçano fêz-se aprendiz no segredo do tear, foi vendo, foi perguntando, foi lendo, té que chegava a fábrica a dispensar o inglês e admiti-lo como seu encarregado técnico com um terço do ordenado do outro, por ser... nacional.

Não frequentou o sr. Ilídio Ribeiro Dias nenhum curso da Escola Industrial, nem o podia fazer por não lhe sobrar tempo para isso. Não se esqueceu todavia, logo que a oportunidade se lhe offereceu, de ir lá fora aprender de visu o que de moderno e progressivo há na sua industria.

Por este seu offerecido exemplo de adaptação e por outros similares casos por aí dispersos, concluíamos nós agora *quanto útil e benéfica não seria para o cultivo industrial dos filhos desta terra uma escola prática de aprendizagem e ensino!*

O que aí está... não foi positivamente o que haviam sonhado os propugnadores acérrimos da criação duma Escola Industrial em Guimarães—essa escola que, havendo sido prometida em 1864, só em 1885, vinte e um anos depois, é que era despachada e ainda então apenas para o ensino de desenho.

Deste modo assim vinhamos discorrendo na volta da nossa accidental visita à mais nova das fábricas de tecidos da nossa terra, em companhia do distinto professor da Escola Industrial, nosso amigo Abel Cardoso.

¿Seria para mostrar que a morte dum justo só o é quando o enfermo deixa que lhe ministrem os sacramentos da igreja católica?

¿Seria ainda para convencer os incrédulos de mais um... milagre de conversão?

Quanto ao primeiro aspecto do caso, afigurasse-nos que o ilustre médico desta cidade teria muito que agradecer ao localista de sacristia, pois, em boa verdade, diga-se, nada conhecemos de mais eficaz para os efeitos da taboleta que esse atribuído dualismo de funções—ser ao mesmo tempo médico do corpo e médico da alma.

E o pormenor é de si tam extravagante que, com o devido respeito, sugere nos estas recordações:

—Em tempos de mais fanatismo e menos sciência médica, algumas vezes succedeu haver divergência fundamental entre o médico e o sacerdote, pois que ambos eram produto de religiões diferentes.

A medicina foi até certo ponto considerada uma arte do inferno.

As doenças eram nos tempos bíblicos considerados castigos divinos. Só os padres então possuíam o segredo de curar, visto que no mundo cristão a pratica médica estava reduzida a meios puramente religiosos. Eis porque toda a sabedoria assentava no sobrenatural e nada se produzia fora do milagre.

A história diz muito de eloquente a este respeito. Basta-nos, todavia, pôr aqui de memória dois factos: os exorcismos que a Igreja Católica autorizava e a medicina reprimia; o esartejamento anatómico que a medicina defendia e a Igreja impugnava.

Desta luta, porém, venceram os discípulos de Esculápio—ou seja o triunfo da sciência positiva e da critica médica contra a metafísica, contra o erro. A medicina sob a influencia das ideias filosóficas, fêz desaparecer a pratica dos textos; a cirurgia sob o desenvolvimento das sciencias naturais, sepultou de vez os sistemas empiricos. Desde então, como não podiam deixar de ser, ficaram delimitados os campos—cabendo ao médico o dever de tratar do corpo e ao sacerdote a obrigação de cuidar da alma.

Quando, pois, se não trate de charlatanismo; quando, pois, o médico tenha em alta conta o seu papel de médico; quando se não trata, em suma, de nenhum João Semana—como por consideração dispensada queremos acreditar—s. ex.ª, o médico, a que alude a tal noticia, em respeito a sua profissão, aos brios de classe, à sua própria intelligência, outra coisa não pode nem deve fazer junto

Os operários da Fábrica d'Avenida vão em romagem junto do coval de Eduardo M. d'Almeida

Os operários e operárias da Fábrica da Avenida da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães mandaram celebrar, na Igreja do Campo da Feira, no dia 1 do corrente, uma missa por alma do antigo director da mesma Companhia, nosso illustre conterrâneo Eduardo M. de Almeida, a que assistiu a família, e que esteve muito concorrida. Em seguida foram, em piedosa romagem, ao cemitério da Atouguia depor um lindo e magnífico ramo de flores, atado com fitas rixas e iluminado com a seguinte dedicatória:—«A memória de Eduardo Manuel de Almeida, como prova de estima que sempre lhes dedicou. Saudade eterna dos operários e operárias da fábrica da Avenida—(11—1915) na sepultura do seu bondoso amigo. Nesse acto, e no meio dum silêncio comovido, o empregado sr. Domingos Eugénio leu sentidamente esta tocante alocação:

—«Companheiras e companheiros:—A romagem de sentimento que hoje realizamos, junto da última morada daquele que em vida se chamou Eduardo Almeida, significa com toda a evidência a dor que ainda hoje nos domina, pela perda irreparável do protector desvelado que nele tínhamos! Esta homenagem representa também a nossa gratidão eterna pela memória inolvidável que, durante toda a sua existência, sempre se consagrou e directamente se interessou por aqueles que administrava, fazendo sempre justiça a todos os que recorriam à sua generosidade e benevolência, quando perseguidos pela prepotência duns ou pela vaidade de outros!

O seu coração diamantino e a sua bondade extrema, nunca desmentida, jámais poderão ser esquecidos pelos operários da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, para quem Eduardo de Almeida era, não um patrão ou chefe dominador, mas sim um pai extremo que, com o sorriso nos lábios e o olhar carinhoso e benevolente, a todos estimava e a todos ouvia, como a seus próprios filhos! Porém, a morte cruel, fria e implacável, obedecendo cegamente à voz do Destino, privou-nos repentinamente de uma vida tam preciosa, abandonando-nos sem compaixão no acaso da sorte!

Mas a sua memória inolvidável prevalecerá eternamente nos nossos corações e a sua acção benéfica jámais se apagará do espirito! A nossa alma guardará sempre, como o mais precioso dos tesouros, a lembrança imorredoura de Eduardo Almeida!

No nosso coração, na nossa alma e no nosso espirito, Eduardo Almeida não morreu! Separou-se de nós. Fugiu deste mundo todo cheio de ilusões, para, através do infinito, nos guiar e conduzir, com o seu eterno sorriso nos lábios e o olhar carinhoso, infiltrando-nos no pensamento o amor pelo trabalho, a disciplina sem obediência e o respeito sem servilismo, que constituíram em toda

a sua alma a sua suprema aspiração!

E' por isso que hoje aqui nos encontramos, para espargir sobre o seu túmulo as pétalas de flores da saudade sem fim que por ele sentimos, e com as lágrimas brotando espontaneamente de nossos olhos, lhe dizemos: Descança! Descança em paz, amigo querido e inolvidável.

Quando terminou, havia lágrimas em muitos olhos de operárias e operários, e então o sr. dr. Eduardo de Almeida, profunda e visivelmente comovido, abraçou-o e beijou-o e agradeceu à comissão promotora desta simples mas significativa homenagem.

A alma do povo tem encantos raros de nobreza, de grandeza moral, de bela e sentida gratidão! que, mesmo neste caso, estão fazendo um nitido contraste com aqueles que, na Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, não quiseram nem souberam ainda prestar à memória de Eduardo M. de Almeida, a quem a mesma Companhia deve incontestavelmente o seu resurgimento, o preito de absoluta justiça, de elementary justiça a que ela tem insofismável direito...

A família agradecendo aos operários—Uma deliberação testamentária

O nosso amigo dr. Eduardo d'Almeida respondeu com a seguinte carta:

Operárias e operários.

Meus caros amigos:

Em nome de minha Mãe, cujo melhor affecto jaz na terra escura daquele túmulo, em nome de meus irmãos, comigo tam cedo feridos pela asa sombria da Morte, e pelos meus filhos, os seus netinhos queridos, eu vos agradeço, ajoelhando o meu coração soluçando sobre o seu cadáver, a homenagem comovida que a vossa saudade quiz prestar a meu Pai no dia 1 de Novembro.

Chorei com as vossas lágrimas que nenhum interesse altera, que nenhuma falsa convenção impurifica, quando a vossa carinhosa fidelidade depoz na sua sepultura um ramo de flores e o vosso reconhecido sentimento evocou a sua figura sorridente e bondosa, que o carácter levantava acima da vaidade, da riqueza e do poderio, dos adornos passageiros e illusórios da vida.

Desde a hora trágica em que o perdi, não dominei ainda a crise de neurasténico delírio, o sobresaltado desalento, a irreparável solidão, o misero desconforto em que me sinto.

Eu vejo-o curvado sobre o meu berço de criança, a sua alegria nos meus primeiros exames, a sua, a nossa esperança de futuro; vejo-o amparando-me com o seu braço forte nas horas de fraqueza, desalento e desgraça, e com o seu conselho sempre seguro, dum extraordinária precisão; ouço-o, na véspera da morte, quando, ao entregar-me o seu testamento, me

fêz a confissão da sua vida, com a serenidade perfeita dum perfeito homem de bem.

Foi a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães a mais forte occupação da sua maravilhosa actividade na última quadra da vida, tam absorvente que, para a salvar e segurar a ela, se esqueceu dos seus mais legítimos interesses; e é incontestavelmente devido à sua intelligência, ao seu crédito, ao seu trabalho que a Companhia venceu.

Mas, desfeitas as inquietações do capital, toda a sua ternura, toda a sua amizade era para vós, meus amigos, cujo humilde e indispensável labor elle honrada e humanamente comprehendia. Quantas vezes o ouvi dizer—«que os accionistas quizeram o lucro do capital pelo trabalho que lhes custou e pelos riscos a que está sujeito, está bem; mas os operários, os que trabalham ali extenuantemente, gastando a vida negra, sem outro futuro, pois não é preciso confortá-los, fazer-lhes justiça?». E era com o seu coração paternal que elle assim falava.

Mas por isso mesmo que a vossa vida é atormentada e difficil, a vossa saudade dedicada e comovente nos toca o coração e—ai de nós!—vem agasalhar um pouco a nossa dor imortal.

Obrigado, meus amigos, e deixai que hoje mesmo cumpra a disposição testamentária que nos manda entregar cem escudos para a vossa Caixa de Socorros, que é a última lembrança do seu affecto, que elle vos dá depois da morte.

Na família de Eduardo M. de Almeida os operários dessa fábrica encontrarão sempre um vivo reconhecimento, em mim um camarada lial.

Centro Republicano de Guimarães

Reuniu a direcção desta colectividade partidária, sob a presidência do sr. A. L. de Carvalho, estando presentes os vogais José Fernandes Guimarães, Oscar Amadeu Moutinho e Neves Guimarães.

Foram tomadas as seguintes deliberações:

—Tomar conhecimento das commuicações do illustre deputado sr. Augusto José Vieira, respeitantes à criação duma Cozinha Económica Operária, de iniciativa deste Centro.

—Fazer o sorteio de mais 10 acções para amortização do empréstimo do bilhar. Que o nome dos sorteados fosse afixado à porta da secretaria.

—Convidar os dignos consócios srs. Capitão Luis de Pina, Abel Cardoso e dr. Eduardo de Almeida a inaugurarem um periodo de palestras para os mezes de Novembro e Dezembro.

Admitiram novos sócios.

—Votou-se uma quantia para fazer aquisição de alguns livros para a biblioteca.

—Resolvido criar nos baixos da sede um curso nocturno de ensino primário, se para o mesmo for concedido um subsidio pelo ministério da instrução.

—Chamar à efectividade, pela ausência do secretario, o vogal substituto, sr. António Pereira.

Lançar na acta os seguintes votos:

—Por o sr. dr. Bernardino Machado haver assumido a Presidência da Republica. Ao telegrama oportunamente enviado, s. ex.^a respondeu agradecendo.

—Pelo falecimento do consócio sr. Gaspar Ribeiro de Sousa Mascarenhas, dando-se conhecimento à família.

—Pela ida para o Brasil do consócio José Martins da Rocha.

—Pela escolha do correligionário sr. António Gaires Pinto de Madureira para administrador do concelho.

O REGISTO CIVIL

As causas da antipatia do povo por este novo tributo. Exagêro de emolumentos. A solução a este mal.

Os nossos amigos Domingos Ferreira e Francisco Guimarães, de Barcelos, veem publicando um folheto semanal de acção republicana, liberto de partidarismos e por isso mesmo apreciável pelos fins saneantes e patrióticos que visa.

Recebemos os três primeiros números, os quais encerram artigos vertidos numa prosa vigorosa e incisiva, contra-cuja doutrina, é certo, briga por vezes em alguns pontos o nosso modo de ver, mas não é isso motivo para deixar de reconhecer nos seus illustres autores aquelle timbre de sinceridade que só as almas verdadeiramente republicanas sabem sentir.

Do último numero desta publicação, que se chama «Alerta», transcrevemos, com a devida vénia, o seguinte artigo:

«O registo civil entre nós é caro.

Devia ser grátis. Visto o Estado não o poder fazer por falta de dinheiro, ao menos que o torne mais suave na sua applicação monetária. Toda a gente o recebeu de braços abertos, na illusória expectativa que offerecesse uma tabela de preços razoáveis. Pelo contrario, com a promulgação do registo civil, tratou-se unicamente de anichar afilhados. Foi mais uma nova colocação que surgiu no horizonte da malfadada politica portugueza para satisfação da chusma de aspirantes a mangas de alpaca. Não se olhou para os interesses do país. O que a governança pública fêz sem delongas foi criar partido e adeptos à sombra dos elevados emolumentos que esportula a sacrificada bolsa do contribuinte para a manutenção do registo civil. Sob o decrépito regimen monarchico existiam pingues abadias que punham a cabeça dos politicos de então a juros quando se dava uma vaga. Agora somente mudaram de rótulo. Os conservadores do registo civil de Lisboa e Porto, não passam duns anafados abades que se refastelam comodamente com chorudos lugares. Foi o El-dorado que lhes appareceu em troca de algumas ligeiras horas dum labor fútil. O que fazem?

Encher espaços em branco nuns quadros de papel! Dispendio de trabalho material, como se vê, pouco é. Simplemente, quando muito, escrever-ha a assinatura individual. Locubrações intellectuais nenhuma.

Além destes, pelas provincias alguns auferem proventos fabulosos. Em compensação há-os que se fôsem a viver do magro rendimento que lhes dá o emprego perceriam à fome. Esta desigualdade é iniqua, vexatória. A fixação de ordenado é uma necessidade.

Os de Lisboa e Pôrto não devem ter ordenado superior a um conto e duzentos mil reis anuais e os restantes officiaes do registo setecentos e vinte mil reis. Os emolumentos, por sua vez, tem de baixar e o público lucrará alguma coisa na sua já tão depauperada algibeira.

As leis da Republica devem ter por norma o espirito da máxima protecção às classes trabalhadoras. O menor dispendio para os que offerecem o seu sangue bendito, no amanho dos campos e na laboração da industria nacional.

O serviço do registo civil entre nós não se pôde dizer que seja impecável. Reconhecemos-lhe, mesmo assim, a sua superioridade ante o desleixo dos párocos no desempenho das suas funções: assentos de baptismo, casamen-

tos e serviço obituário, que era uma amálgama de datas erradas e nomes tolammente truncados. A rede dos postos rurais deve ser mais vasta, de forma a evitar a canceira e despeza que em muitas comarcas assoberba o contribuinte. Vir de longe, quatro e mais léguas, à sede do concelho para satisfazer um dever que lhe impõe a lei é bárbaro. E depois um pequeno atrazo na caminhada leva-o às vezes a deparar com a repartição prestes a fechar e de aí o ser recebido bruscamente pelo pessoal, com um *vieste a tempo*. O defeito não é de hoje. E' uma das piores heranças que nos legou o regimen deposto: a insolência.

No geral, nas nossas repartições publicas não se atende com delicadeza o humilde cidadão que concorre com a sua amargurada quota para o engrandecimento pátrio.

Tratam-no como a um desprezível escravo. E' um mal que é preciso desaparecer para bom nome do regimen republicano e interesse dos próprios funcionarios que o serve.

Para a reforma do registo civil ser completa e favorável ao público, seria a sua passagem para as administrações do concelho.

Nas aldeias, a trôco duma pequena gratificação, seriam os encarregados dos postos, os respectivos professores.

A nossa forma de ver não terá o apoio dos profissionais da politica. Vai ferir interesses e acarretar a perda de votos para o governo que ousasse pôr em pratica esta desejada medida de economia.

E' a resposta fatal dos que fazem descaradamente da politica um comércio degradante. A vontade nacional nada significa. Esta que continui agrilhoadá a dura contribuição do registo civil.

D. F.

POR LIÇÃO

Sempre o «Echos...» na China:

«A aurora brilhante com que elle deslumbrou os chinos durou portanto enquanto durou a estopa com que a produziu.»

Passemos em claro o caso da «aurora brilhante» produzida pela estopa, pois que se trata, pelo visto, de cenografia chineza, e vejamos antes porque foi que a republica do celeste império derriu ou está para isso.

¿Seria por falta de adaptação, por ser um regimen de progresso para o qual os quatrocentos milhões de habitantes do extremo ocidente não estavam preparados, como se induz do artigo do «Echos...»?

Não creia o leitor nisso. A causa especial, a determinante porque o regimen republicano não logrou vingar na China, é devida a este factor: ¿a tração daquelle a quem a revolução chineza confiou o lugar de primeiro presidente da republica!

E agora, para guardanapo do «Echos...», acrescentemos:

—Juan-Shi-Kai, o prestimado que empalmou a republica para se fazer proclamar rei, foi presidente do último ministério da monarchia na China!

Napoleão fizera o mesmo à primeira republica francesa, Pimenta de Castro levava as coisas pelo mesmo caminho em Portugal.

—Mas, se os telegramas ultimos não falharem, a republica na China subsistirá.

Contra o frio

Camisolas, peúgas e meias de lã para homem senhora e crianças, luvas de agasalho. O maior sortido.

Chapelaria Martins.

dum enfermo que não seja isto, apenas isto: avisar a familia do estado do doente e, retirando-se, dar passagem ao sacerdote... se este surgir.

Tudo o mais é obra de exagêro, de fanatismo, de intrusão grosseira. Tudo o mais é obra de jesuitismo puro.

Só jesuitas procuram levar o médico a ser o seu emissário, só estes querem transformar o médico em engatador de almas, em fisico de seita, em mensieiro do divino.

Não pôde ser!

A função dum médico—quer este seja católico, protestante, judeu, israelista, mahometano ou budaico—bastante se nobilita e exalta quando, por uma carinhosa, desvelada e humanissima assistência sabe, até ao último reduto, animar no enfermo o átomo duma esperança vital. A idea da morte atormenta o moribundo...

—Mas este artigo já vai estirado, e o caso não é... morte de homem. Ficará o resto para o próximo.



Capotes Alentejanos

(DE EVORA)

FEITOS E POR MEDIDA

O melhor agasalho - Corte elegante

Vendem-se na Chapelaria Martins

PASSEIO DA INDEPENDÊNCIA

JORNAL PARA TODOS

Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se de cara descoberta, a esta acção, que é um jornal para todos. Vamos: evitem-nos a sua pressa, seja como for — contanto que nela se defenda um princípio justo, razoável, humano, atencioso.

Feira dos cereais

Sr. Redactor:

Desde há anos que se torna de necessidade uma feira de cereais bem localizada.

Onde ela actualmente existe, lugar impróprio, engravado dum lado por vielas e doutro lado pelo jardim público, nada oferece de estético nem de cómodo.

Pois bem. Agora que a Ex.^{ma} Câmara mandou terraplenar aquelle terreno triangular do Proposto, não seria uma medida acertadíssima transferi-la para ali?

Por estar perto do Mercado e ser servido aquelle local pelo prolongamento da rua de Páio Galvão, de pouco trânsito, ao largo do qual se poderiam enfileirar os carros, era a sua escolha uma medida que nada deixaria a desejar.

O assinante e constante leitor.

C.

Por caridade!

Sr. Redactor:

Estes dias de finados com rotagem razoável... de mortos ao cemitério, duplicando o dobre dos sinos, que tam triste tornam a miude a nossa terra, sugeriram-nos um apelo às irmandades da Misericórdia e de S. Francisco para mandarem refundir os sinos das respectivas tôres.

Aquilo não se pode tolerar. São uns verdadeiros caldeirões, roufenhos, gastos, desafinados, tocando a rachado e a lutas velhas, desgraçados e aborrecidos, semeando o tédio e o pavor quando dobram a defuntos, para cujo fim exclusivo parece terem sido fabricados. Os de S. Francisco, especialmente, são insuportáveis, e até nos seus repiques festivos parecem gemerem e soluçarem.

Por caridade, sr. Redactor, badale no assunto, a ver se nos livram dessas verdadeiras pragas!

L. P.

Preços dos cereais

Os preços dos cereais no último mercado foram os seguintes:

Milho branco, o alqueire	\$70
" amarelo "	\$70
" alvo "	\$66
Centeio, "	\$80
Feijão branco	\$50
" moleiro "	\$96
" amarelo "	\$80
" fradinho "	\$85
Painço "	\$10
Batatas "	\$55
Galinhas, uma	\$60
Ovos, dúzia	\$16

Enfim, por nós!

Escreve, em fundo, ali o «Echos...»:

«Len Tat Sun, chinês de alta envergadura intelectual, identificação com as ideias do seu tempo, quiz guindar os seus concidadãos às culminâncias em que o seu espirito pairava...»

«Sabe o leitor quem é este chinês de alta envergadura intelectual, este chinês identificado com as ideias do seu tempo», este chinês, em suma, que «quiz guindar os seus concidadãos às culminâncias em que o seu espirito pairava», como diz o insuspeito «Echos...»?

Foi o chefe revolucionário da república chinesa. E venham agora dizer que este jornal monárquico não reconhece ser a república um regimen mais consentâneo com as ideias do tempo, um regimen servido pelas mais altas envergaduras intellectuais, um regimen, numa palavra, que guinda os cidadãos às altas concepções do direito e da justiça!

Custa-lhes a cair nestes desabafos; mas, se calha estarem de maré — sempre confessam o seu erro.

Comissão Executiva DA Câmara Municipal

Sessão ordinária de 29 de Outubro de 1915

Sob a presidência do cidadão Matiano Felgueiras, achando-se presentes os cidadãos Cardoso Guimarães, Martins Pereira, António Ribeiro e José Fernandes, reuniu a Comissão Executiva da Câmara Municipal, no dia 29 de Outubro, pelas 22 horas.

Balanço—Foi presente o balanço referente á semana finda, que acusa os seguintes saldos:

Em deposito na Caixa Economica.	1:000\$00
Idem na Caixa Geral dos Depósitos.....	4:982\$30
E em dinheiro no cofre.....	4:125\$87
Total.....	10:108\$17

Zeladores—Ficou inteirada da nota dos zeladores municipais referente aos dias 22 a 28.

Escolas—Do Inspector primário, pedindo a atenção da Comissão para a verba de 20 mil escudos que o governo concede a diversos círculos que precisem de construção de casas escolares. Deliberou representar ao governo para que seja distribuído por este concelho um subsídio para a construção de casas escolares.

—Do professor regente da escola central (sexo masculino), pedindo para nomear dois professores interinos para aquela escola. Nomeou Ester da Glória Freitas Guimarães e Maria de Oliveira Freitas Guimarães.

—Do mesmo, pedindo água para a escola. Tomado em consideração.

—Da Junta de Polvoreira, informando já estarem concluídos as obras da escola, pedindo, por isso, a sua mudança.

—Da professora de Briteiros, informando já ter tomado posse.

Cemitério—Domingos Ribeiro Martins da Costa, pedindo para pintar um jazigo no cemitério municipal. Deferido.

—De Manuel de Freitas Aguiar, pedindo para pintar no mesmo cemitério o seguinte: «António Lial Sampaio. 1857-1915».

Impostos—José Duarte do Amaral Cardoso, pedindo para ser nomeado guarda dos impostos municipais. Inteirada.

—José da Costa Gouveia Ramos, pedindo para lhe ser perdoado o castigo que lhe foi aplicado na sessão passada, em virtude de ter de ir ás 7,45 para o mercado e achar-se de serviço no matadouro. Ao respectivo chefe para informar.

Oferta—José Rodrigues Leite da Silva, oferecendo á câmara diversos terrenos seus, para a estrada de Tagilde, com diversas cláusulas. Resolveu que fosse presente á próxima sessão da câmara.

Requerimentos—Foram lidos mais alguns requerimentos que baixaram ás repartições competentes.

Sindicância—Ficou em mesa, para ser presente á próxima sessão da câmara, o processo de sindicância á escola municipal nocturna.

Sendo 23 horas foi encerrada a sessão.

Noticias

Estradas—Os deputados por este circulo estiveram a conferenciar com o secretário do sr. ministro do fomento, tratando da dotação para algumas estradas deste concelho. As mesmas estradas vão ser convenientemente dotadas.

Sociedade Martins Sarmiento—Esta útil instituição vimaranense, tendo em atenção o novo regulamento do horário de trabalho, resolveu em sessão de hontem transferir o seu Gabinete de leitura para os baixos do seu edificio e conservá-lo aberto á noite, desde as 19 ás 22 horas.

As requisições de livros, feitas durante este tempo, serão satisfeitas no dia immediato.

Liceu—Foi nomeado professor do liceu de Guimarães—secção de sciencias—o sr. Jaime Correa de Sousa.

Teatro D. Afonso Henriques—Domingo próximo, exhibir-se hão neste teatro duas sensacionais sessões. Dizem-nos que o programa será surpreendente.

Em reclamação—De 1 a 10 do corrente mês, está em reclamação, na secretaria de finanças, a contribuição da décima de juros.

Correio entre Guimarães e Braga

—Desde o dia 10 do corrente ficará existindo, além dos correios existentes entre esta cidade e a de Braga, por intermédio dos combóios, um serviço directo em carro entre as referidas cidades, passando por Caldas das Taipas, com o seguinte horário: parte de Guimarães, ás 7 horas e chega ás Caldas das Taipas ás 8,5; parte dali ás 8,20 e chega a Braga ás 10 horas; parte de Braga ás 13 e chega ás C. das Taipas ás 15; parte dali ás 15,25 e chega a Guimarães ás 16 horas.

Desastre—O jornalista, José da Costa, andando a podar numas propriedades do sr. Visconde do Paço de Nespeira, situadas na freguesia da Costa, teve a infelicidade de cair abaixo de uma árvore, morrendo momentos depois.

No tempo dos Césares ou quando Roma governava—Atraentissimo o programa das sessões de domingo próximo, no Salão «Central Chantecler», em que serão exhibidas as mais belas películas de actualidade. Entre essas películas de sensação figura o empolgante film da série de ouro, **No tempo dos Césares ou quando Roma governava**, em 4 partes, 2.500 metros. Todo o programa, organizado com fino critério, vai certamente chamar a este popular salão uma desusada concorrência.

Centenário—Conforme já noticiamos, é no próximo domingo que se comemora o 1.º centenário da fundação do Hospital de S. Francisco. Haverá arraial no sábado e domingo, tocando nos referidos dias as bandas dos Guises e Boa União.

Indústria Textil—Os operários da Indústria Textil do Pevidém apresentaram aos industriais umas novas tabelas em que pedem aumento de salário.

Por desacôrdo entre estes, os mesmos operários declararam-se em greve.

Necrologia—Na sua casa das Lameiras, faleceu há dias a sr.^a D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz de Menezes, viúva do saudoso vimaranense, sr. José Martins (Minotes).

CONTRA A CHUVA

Guardas chuvas, botas e sapatos de borracha, para homem, senhora e criança.

Chapelaria Martins

Éditos de 40 dias

(1.ª Publicação)

Pelo Juizo de Direito desta comarca e cartório do escrivão abaixo assinado, correm éditos de 40 dias, que se começarão a contar depois da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados

António Ferreira Gomes, viúvo, empregado comercial, ausente em parte incerta na cidade do Rio de Janeiro, Estados Unidos do Brazil, e Francisco Ferreira Gomes, solteiro e maior, comerciante, ausente em parte incerta na África, para assistirem a todos os termos até final do inventário orfanológico a que se procede por óbito de seu pai António Ferreira Gomes, casado e morador que foi no lugar de Entre-as-águas, freguesia de Santa Cristina de Longos, desta mesma comarca; isto sem prejuizo do regular andamento do mesmo inventário.

Guimarães, 22 de Outubro de 1915.

Verifiquei a exactidão. O Juiz de Direito,

Santos.

O escrivão do 3.º officio, Luis Cândido Lopes.

AVISO

A Junta de Paróquia de S. Sebastião:

Faz saber que estão em cobrança, pelo prazo de 30 dias, as contribuições paroquiais que se acham em dívida, tanto do ano corrente, como atrasadas. Findo aquelle prazo serão relaxados na forma da lei.

O pagamento pode ser feito diariamente em casa do tesoureiro cidadão António Antunes de Castro, largo do Trovador, desde as 10 ás 16 horas.

Guimarães, 3 de Novembro de 1915.

O Presidente,

José d'Oliveira Meira.

EDITAL

O Dr. José Rodrigues dos Santos, Juiz de Direito da comarca de Guimarães:

Faço saber que por espaço de trinta dias e referente ano judicial findo, está aberta a correição nesta comarca, devendo principiar no dia doze do corrente e terminar em onze de Dezembro próximo. Pelo presente são chamadas todas as pessoas que tenham queixas a fazer contra os funcionários sujeitos á correição para as apresentarem ao juiz respectivo.

Guimarães, 1 de Novembro de 1915. Eu Armando da Costa Nogueira, escrivão, que a escrevi.

José Rodrigues dos Santos.



Casa Penhorista Vimaranesense

Fundada em 1880

Propriedade de **PEIXOTO & ROCHA**

Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da Republica, 144—GUIMARÃES

OS JESUITAS (1)

O seu catecismo

A *Mónita Secreta* é o catecismo secreto dos Jesuitas, que, interessados nisso, tem negado o texto respectivo.

Este documento foi coleccionado sobre o manuscrito latino proveniente da successão do padre Brothier, último bibliotecário dos jesuitas de Paris antes da revolução, e está conforme a edição de Paderborn de 1661, assim como ao manuscrito autêntico que se encontra nos arquivos do reino da Bélgica, no palácio da justiça de Bruxelas, sob o seguinte título:

Secreta mónita ou advis secrets de la Société de Jésus (2).

Eis a história deste manuscrito, ao qual falta uma folha, e que está catalogado sob o número 730.

Por ocasião da expulsão dos jesuitas, em 1773, esta ordem possuía nos Países Baixos, entre diversas propriedades importantes, um colégio em Ruremonde, provincia do Limburgo holandês. O governo nomeou uma comissão para tratar da liquidação dos bens da Companhia, e o conselheiro Zuytgens foi enviado especialmente a Ruremonde, a fim de proceder ao inventário.

Sendo, porém, suspeito de pretender, por complacência para com os padres, esconder certos livros, recebeu da Comissão or-

(1) Estudo escrito por A. Andrei, em seguida a revolução de 1870 e numa ocasião em que os Jesuitas mais trabalhavam para fazer da França o seu *Albergue*.

(2) Nota do tradutor: «O dr. Melo de Moraes, afirma na sua *Corografia Histórica do Imperio do Brasil*, que na biblioteca do Rio de Janeiro existe um autógrafo da *Mónita Secreta*, que o padre Frei Caminho do Monte diz ter sido encontrado no colégio dos padres da Companhia, em Lisboa, no ano de 1759.»

dem expressa para remeter imediatamente e sem excepção todos e quaisquer papeis. Entre eles foi encontrado o manuscrito da *Mónita Secreta*.

A prova de tudo isto acha-se nos arquivos de Bruxelas, no *Protocolo das deliberações do comité estabelecido para tratar dos negócios resultantes da supressão da Sociedade dos Jesuitas, nos Países Baixos*.

A *Mónita Secreta* divide-se em capítulos, dos quais vamos, em resumo, dar as principais instruções:

CAPITULO PRIMEIRO

Para captarem as simpatias dos habitantes da povoação em que pretendem estabelecer-se (os jesuitas) torna-se necessário praticar actos da maior humildade, visitando os pobres, os aflitos, os presos, fazendo-se amar pela prática de acções caritativas, dando esmolas aos pobres; não adquirir terreno senão a título de empréstimo e extorquir às viúvas ricas as maiores somas, fazendo-lhes ver a sua extrema necessidade.

CAPITULO SEGUNDO

Travar relações com as pessoas principais da povoação e animá-las, mesmo nas suas acções odiosas, para depois se fazerem seus protectores e aliados; captar as graças dos príncipes e dos seus criados, oferecendo a estes pequenas ddividas para conhecerem as inclinações dos seus; descobrir os pecadilhos mais secretos das famílias por meio das criadas de quarto.

CAPITULO TERCEIRO

Procurar a protecção dos poderosos, empregando-a contra os inimigos da Companhia e servir-se, em segredo ou tacitamente, dos nomes dos grandes na aquisição de bens temporais.

CAPITULO QUARTO

Não se intrometer nos negócios públicos, metendo porém neles amigos dedicados e poderosos; pesquisar e publicar com prudência as faltas dos outros religiosos, fazendo opposições áqueles que pretendam fundar escolas para instruir a juventude.

CAPITULO QUINTO

Evitar a instalação das escolas estranhas á Companhia, a quem deve ser

exclusivamente confiada a mocidade, fazendo-se crer aos príncipes e aos magistrados, que só o seu ensino evitará a perturbação dos estados.

CAPITULO SEXTO

Escolher, para visitar as viúvas, padres de uma compleição viva e de conversação agradável; afastar as viúvas da vida mundana, modificando prudentemente a direcção da sua casa, fazendo com que pouco a pouco se vão despedindo os seus criados para serem substituídos por outros dedicados á Companhia; aconselhá-las a que se vão confessar amittadas vezes para irem conhecendo o seu modo de pensar; defender as vantagens do estado de viuvez e mostrar os inconvenientes do casamento, propondo-lhes pretendentes que sabem que as viúvas odeiam, calculando áqueles que lhes pretendem agradecer e impellido o convívio com os homens.

CAPITULO SÉTIMO

Habituar as viúvas a darem todas as semanas uma esmola para Jesus Cristo, para a Virgem Santa, para outro qualquer santo ou igreja, «até que sejam inteiramente despojadas das primicias e despojos do Egipto», deixando-as entrar no jardim e no colégio, contando que isso se faça secretamente, permitindo-lhes que se recreiem em segredo com áqueles que mais lhe agradarem.

Se fizerem voto de castidade, que o renovem duas vezes por ano, segundo o nosso hábito, concedendo-lhes nesses dias um recreio honesto com os nossos; tratá-las com meiguice nas confissões e fazer com que elas deixem de visitar as outras igrejas e governar-lhes a casa em segredo. Os confessores deverão guiá-las de forma que paguem ordinariamente penções e tributos anuais ás casas profanas, para que prodigam, especialmente á casa profana de Roma, saldando-lhe as dívidas.

CAPITULO OITAVO

Aconselhar as mães a que recusem aos filhos vestidos luxuosos, mostrando-lhes as dificuldades do casamento e os encantos do celibato, conduzindo-as por forma que façam aborrer as filhas de viverem com as mães e pensem em se fazerem religiosas, praticando o mesmo com respeito aos filhos.

CAPITULO NONO

Os confessores dos poderosos, dos reis, das viúvas, não devem deixar escapar ocasião alguma de adquirirem bens temporais e recebê-los logo que lhes sejam oferecidos; indagário dos penitentes o seu nome, a sua família, os seus parentes, os seus amigos e a sua fortuna; informar-se-hão das suas successões, do seu estado, das suas in-

tenções e resoluções; torná-los-hão favoráveis á Companhia, fazendo o mesmo com os burguezes ricos e casados sem filhos, dos quais pode vir a ser herdeira. Quando um confessor encontrar uma penitente de fortuna avisará logo o reitor e procurará por todos os meios captar-lhe as simpatias. Quando um indivíduo tiver um filho único, deve inspirar-se a este toda a sorte de receios de seus pais, mostrando-lhe quanto seria agradável a Deus o sacrificio de abandonar o lar doméstico, ás ocultas dos pais. Conseguindo isto, enviá-lo-hão para um noviciado muito afastado, prevenindo o Geral. Induzir as viúvas e outras personagens importantes a dar toda a sua fortuna á Companhia, reservando-se unicamente o usufruto.

Ter médicos dedicados junto dos enfermos para que sejam chamados nos últimos momentos.

Dizer ás mulheres casadas que lastimam a vida desregrada de seus maridos, que podem ceder em segredo algumas somas para expiar os pecados de seus maridos e obter do céu o seu perdão.

CAPITULO DÉCIMO

Despedir da Companhia qualquer indivíduo que mostre mais afeição á sua familia do que á Companhia, despedindo igualmente todos os outros que mostrarem escrupulo em adquirir bens para ella.

CAPITULO DÉCIMO PRIMEIRO

Alcançar daqueles que são despedidos a promessa escrita ou por meio de juramento que jámais dirão ou escreverão coisa que prejudique a Companhia; escrever a todos os colegas, mal-dizendo os que tiverem de ser despedidos, «exagerando os motivos do seu afastamento»; espionar e tornar público tudo o que apurarem contra elles. Se, porém, não praticarem actos dignos de repreensão, deverão atenuar por meio de discursos tudo o que poderem fazer digno de louvor.

CAPITULO DÉCIMO SEGUNDO

Conservar na Companhia os confessores dos grandes e todos áqueles que conheçam segredos, assim como os velhos que servirão para contar aos superiores as faltas que notarem entre os outros, afim de se evitar a má reputação da Companhia. Igualmente serão conservados os homens ricos até ao momento em que se resolvam a fazer doação de toda a sua fortuna á Companhia, que não lhes deve recusar coisa alguma, mas logo que a doação seja um facto, começarão a mortificá-los como aos outros.

CAPITULO DÉCIMO TERCEIRO

Escolher os mancebos espirituosos, elegantes, nobres e ricos, rodeá-los de uma particular afeição, mostrando-lhes

quanto a Deus é agradável que lhe consagrem a sua vida com tudo que possuem, ao mesmo tempo que lhes vão oferecendo algumas dádivas e, se não obedecem ao chamamento divino, então amedrontá-los com as penas eternas.

Adverti-los de que não devem participar a sua vocação a nenhum dos seus amigos, nem a seus próprios pais, enquanto não derem entrada na Companhia, separar os filhos de suas famílias, mandando-os para universidades longinquas.

CAPITULO DÉCIMO QUARTO

Afastar da Companhia todo aquêle que alguma vez tenha praticado algum mau acto contra ella, contra a sua honra ou proveito próprio. Se um confessor souber, por pessoas estranhas que se cometeram actos vergonhosos com alguma pessoa da Companhia, não deve absolvê-las sem que primeiro digam o nome daquêle com quem pecaram e, dizendo-o, fazê-las jurar que nunca o dirão a ninguém, sem que a Companhia lho consinta. Se dois jesuitas tiverem pecado, por obras, contra a castidade, aquêle que o declarar primeiramente será conservado na Companhia, sendo o outro expulso. Maltratar todo aquêle que se tenha em vista expulsar, collocando-o sob as vistas de superiores severos, que o afastem de funções honrosas até que comece a murmurar; calumniá-lo, censurá-lo, dar-lhe rudes castigos, humilhá-lo em público, apresentando-o como um indivíduo pernicioso á Companhia.

CAPITULO DÉCIMO QUINTO

Procurar as confissões das religiosas, pois que as abadessas ricas e nobres, podem servir de grande auxilio á Companhia, tanto por si como por seus amigos e parentes.

CAPITULO DÉCIMO SEXTO

Para não serem acusados de ter amor ás riquezas, deverão recusar as ofertas de pouca importância; não dar sepultura nas igrejas a pessoas absurdas; pros ceder com rigor para com as viúvas que já tiverem dado todos os seus bens á Companhia, procedendo de igual modo com as pessoas que estão na Companhia e lhe doaram todos os seus haveres.

CAPITULO DÉCIMO SÉTIMO

Manter secretamente e com a máxima prudência, as inimidades dos grandes entre si, arruinando inclusivamente o seu poder; excitar a guerrearem-na todos os príncipes amigos da Companhia, para que o concurso desta seja pedido por toda a parte, empregando-a na reconculiação pública como causa do bem comum, afim de ser recompensada com altos beneficios e dignidades.

Confeitaria Parisiense

— DE —

DOMINGOS VINAGREIRO & F.^{OS}

Grande e variado sortido em pastéis.	Especialidade em café á chavena da conhecida marca "A Brasileira,,"	Bombons e rebuçados de todas as qualidades
Variiedade em doces.		Massas e farinhas alimenticias.
Especialidade em doce de ovos.	Serviço de chá	Chá café chocolates e cacau.
Vinhos de mesa, finos e espumosos.	Manteiga da Cooperativa Vimaranesense	Mercearia de primeira qualidade.
Champagnes, Cognacs e licores.	Lunch's Sandwichs	Especialidade em queijo da Serra.
Bolachas Nacionais e Estrangeiras.		

Executam-se encomendas para Casamentos, Baptisados e Soirées.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 "
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Do Cidadão